

CEARÁ - BRAZIL

# PHENIX CAIXEIRAL

Orgão da Sociedade Phenix Caixeiral

Redactores -- Uma Comissão

Anno IV

Fortaleza, 15 de Março de 1897

Num. 67



## LOUROS E CYPRESTES

Contra todas as previsões, até dos proprios monarchistas, foi destroçada a expedição dirigida pelo bravo coronel Moreira Cesar contra os fanaticos de Antonio Conselheiro!

O 3 de Março ficará representando em nossa historia um campo de louros e cyprestes.

Traçando estas linhas, sob a impressão dolorosissima que acabou a o espirito humano pelas suas grandes catastrophes, temos por fim, não dizermos que associamo-nos á dolorosa magna que ora lacera o coração da patria, por que não cremos que haja brazileiro que presentemente não tenha o coração dobrando a finados; mas, plantarmos uma modesta cruz sobre a campa do heroico chefe da expedição, cruz, que, como sagrado symbolo da paz, representará tambem o nosso voto pela confraternisação de que tanto carece este paiz!

Soldados da republica, moços, que sentimos nos rhythmos do coração as notas da marselheza, não podemos deixar de apoiar a idea de desaffronta completa aos nossos fóros de patria republicana, para que o exemplo vá garantir os dias de nossos vindouros; e convença, uma vez por todas, que a monarchia jamais dará fructos no Brazil.

Mas só teremos o exemplo pelo morticínio? Para conduzirmos o viatico da Liberdade nessa romaria civica só teremos o pallio rubro do nosso proprio sangue?

Pensamos que o denodo do Coronel Moreira Cesar foi que o sacrificou.

Destas columnas, em nossa ultima edição, dissemos que buscava-se eliminar o instrumento cego dos monarchistas, na inconsciencia de Conselheiro em quanto os maiores inimigos ficavão impunes, disfarçados nas grandes capitaes. E confirmamos a nossa asserção.

O governo deve sem perda de tempo, fazer seguir nova expedição cercada de maiores garantias que a primeira; mas a bôa tactica, talvez, não seja atacar de chofre um reducto desconhecido, a que a lenda já deu a segurança mysteriosa de uma praça inexpugnável.

E, em confirmação ao nosso modo de pensar: ao tempo em que os ca-

nhões acordarem as mattas virgens dos sertões bahianos, o estado de sitio em certas capitaes da União deve pôr as instituições a salvo de qualquer machinação do inimigo interno, que todos conhecemos.

A amnesty para os primeiros deportados foi, pela presteza com que decretára-se, um grande incentivo para os acontecimentos que, ora se desenrolão.

Somos inimigos destas medidas violentas de jacobinismo, que alguns exaltados começam pôr em execução.

O nosso alvitre, talvez exdruxulo para alguém, (permitta-se a franqueza que a oportunidade, exige) é a deportação para os reconhecidos inimigos das instituições; e um reconhecimento demorado sobre o valhaçouto dos fanaticos, seguido de um ataque decisivo e nobre, como sabe dar o soldado brazileiro, respeitando as nossas gloriosas tradições no Paraguay, obedecendo aos sagrados sentimentos da piedade christã para mulheres, velhos e crianças; e vingando honrosamente a morte dos que derramam seu sangue, para que fique illeso nosso pavilhão, que tem para guiar-lhe em todas as vicissitudes o symbolo estrellejante do Cruzeiro.

## Alfandega

**A alfandega do Ceará rendeu em Fevereiro ultimo mais duzentos contos de réis que em igual mez de 1896!** Isto é, duplicou de rendimentos, sem que as condições das classes consumidoras soffressem lisongeira alteração que justificasse semelhante desequilibrio nas rendas federaes. O povo cearense não augmentou os seus recursos, ao contrario a emigração tem crescido, a lavoura e industrias resentem-se de maior anemia pela auzencia de braços. A baixa do cambio; as quebras constantes de casas de nossa praça; a epidemia do jogo á luz meridiana em todo o Estado; os *borós*, etc., etc., tudo concorre para minguaem as fontes de receita; e... caso maravilhoso! a alfandega duplica de rendimentos!!

O X da questão, queirão ou não queirão os «nababos desthronados» e seus protectores, é manifesto nas medidas (embora incompletas) tomadas pela regeneradora situação do Dr. Manoel Victorino.

E nós, que temos ainda cingida a corôa de espinhos tecida pelo despeito e pelo desespero dos *desmumados*, ufanamo-nos em ver o resultado de nosso combate em prôl das rendas publicas.

Sobre o chaos administrativo em que encontrou o honrado Sr. Manoel Alves, actual inspector, a alfandega d'este Estado, era missão

muito penosa e difficil a reconstrução do machinismo regular do fisco respectivo. Entretanto vemos que, sem o emprego das medidas extremas, no cazarão negro de outr'ora, isolado e sinistro, que se ergue na planura alvejante de nosso porto, já as tarifas aduaneiras não tem a impassibilidade de lettra morta.

Entre o queixume que se levanta contra as normas vigentes da arrecadação aduaneira, destacão-se, porém, vozes com certo timbre de accusação sobre o zeloso Sr. Manoel Alves. Allegão estar S. S. abuzando da fiscalisação que faz, torcendo, por excesso de cumprimento de dever, o espirito da lei, para classificar mercadorias, reconhecidas, sujeitas a taxas menos onerosas, em taxas desproporcionaes. Dizem que são impostas multas irrefletidas, que trazendo apenas embaraços ao commercio, são revogadas por absurdas. Referem que as conferencias são retardadas. Que mercadorias já despachadas para consumo são despachadas novamente: tributadas de novo.

Um catalogo, enfim, de irregularidades e exigencias caprichosas do Sr. Alves.

Não cremos. S. S., sendo um funcionario antigo, probo, intelligente e pratico, sabe perfeitamente que estaria praticando uma especie de pecculato se exigisse mais do que o que exige a lei. E' tão improbo o que leza o Estado como o que, de má fé, pratica extorsões contra o contribuinte.

A nosso ver, em quanto não tivermos provas cabaes, o que anda por ahi é o despeito disfarçado em victima.

Esperamos, entretanto, que os factos arguidos não tomem as proporções, em realidade, emprestadas pelo boato.

Si assim acontecer, os nossos votos de louvor e incentivo, a nossa frica solidariedade, os nossos encomios, como os da opinião publica, que abençoou ao honrado Sr. Manoel Alves, ver-se-ão n'um protesto vibrante de condemnação.

O nosso fim é defendermos o direito, e si o Sr. Manoel Alves trahir o seu glorioso tirocinio de funcionario publico, arvorando-se em officioso carrasco do commercio, pode contar com a geral condemnação a que fizeram jus os empregados demittidos, para quem resta apenas um padrão de ignominia.

## O suicidio

A memoria sagrada de todos quantos dormem o somno da eternidade, contra os immutaveis designios da Natureza.

(Continuação do numero anterior)

V

Tudo, que vimos acima, nos leva a dizer que o homem não pode e nem deve suicidar-se. Ninguém tem direito de dispor da vida, porque ella pertence a outrem: ninguém pode querer morrer, porque ainda não existe e nem existirá nunca quem pudesse querer nascer.

Só a Natureza sabe porque deu a vida, só ella sabe quando deve tiral-a. Conservemos a vida, embora fitando a morte.

Estas verdades, bem sabemos, serão lidas por uns como extravagancia, por outros como tolices.

Mas que importa? Rios de tinta tem se gasto para provar a existencia de Deus e as duas

afirmações contraditorias entre si, são consideradas verdadeiras conforme é a crença dos que lêem.

O nosso estudo não é tão alto e nem tão grave, nenhum malpoderá trazer garantimos, e si o tentamos for-mos na intenção de ser util, do que agradável sustentamos que o suicidio é o desenlace de uma molestia e não um acto racionalmente deliberado como sustentam alguns, abraçando-se a uma philosophia que muito bem poderia se classificar, de philosophia do desespero.

Estamos convencidos do que afirmamos e procurando provar, dizamos:—Doença não é somente o que se cura nos hospitaes; doença, não é somente o que se cura nos azylos; doença é todo o estado produzido por uma desobediencia ao regimen natural da vida.

Não sabemos si todos comprehenderão o que lhes faz bem, e o que lhes faz mal; o que temos observado porém é que os homens vivendo em sociedade de que tanto se orgulham não só desobedecem as leis naturaes, como até mesmo tentam falsificá-las.

Falsificar a natureza! Expressão felicissima que não é nossa confessamos, mas não deixamos de aproveitar pedindo venia a quem a preferiu. E' falsificação da natureza, esta contradicção singular com a cara de civilização, que segundo eminentes pensadores é a causa principal da annunciada degeneração da humanidade.

Guerra roubo, e *caquetteria*, eis a maior preocupação dos homens civilizados neste fim de seculo.

Enganam, dançam bebem, jogam comem bem e são fortes, mas saúde não é somente expansão de forças; saúde não é somente disposição, saúde é solidariedade. Para os que não comprehendem a extensão desta palavra acrescentamos:—Solidariedade, é ligação, é harmonia, é força e para dizer tudo, é religião.

Para que uma machina funcione bem, todos sabem o que é preciso. Para que a mais engenhosa das machinas, a creatura humana, realise este fim, da mesma forma é necessario que todos os seus órgãos sejam solidarios, para que nunca falte o equilibrio.

Alguem disse que o homem, é como uma republica federativa, de que os diferentes estados são os órgãos.

A comparação é bem feita aproveitamos-a, acrescentando por nossa conta:—Na cabeça, está a sede do governo; no coração, o quartel general; no estomago a alfandega; o sangue é o póvo e exercito; o systema nervoso, é o telegrapho do interior; os ouvidos, estações telegraphicas do exterior e os olhos são pharões.—A razão, é o presidente da republica, o raciocinio, o seu principal ministro.—A vontade e sentimento, constituem a camara; o conhecimento, é o senado.—A consciencia, é o supremo tribunal; a memoria o archivo publico.—A intelligencia e imaginação, formam a imprensa; o amor proprio, é o patriotismo. Da solidariedade de tudo isto, depende a saúde, o caracter e a justiça.

Mas não é frequente encontrar-se muitas dessas republicas em que reine perfeita harmonia. E' pelo contrario mais facil, apontar-se umas em que o exercito é indisciplinado, outras, em a alfandega é um sorvedouro, algumas, de pharões apagados, outras de telegrapho interrompido.

Muitas haverá por ahí, em que o presidente atormentado por pedidos de providencias, em vão manda exercito ao ponto atacado, o primeiro ministro pede demissão, por inutil; o supremo tribunal é deposto; o archivo reduzido a cinzas e afinal para cumulo de desgraças, surgem as questões internacionaes, que muitas vezes acabam destruindo toda a republica.

Alguem dirá que isto não é serio que o homem não pode ser comparado a um estado.

Sim, para os que se approximam de uma completa desorganisação, só uma cousa é seria e tem valor, que é o vicio.

O homem é uma associação de celulas, assim como estado, é uma associação de homens—verdade sustentada por muitos escriptores modernos.

Não queremos dizer que sejam quasi todos os homens desorganizados e doentes. Por occasião de reinar uma peste, nunca se afirmou que estivesse todos atacados. O que queremos fazer sentir porém, é a pobreza de hygiene ou melhor

a ausencia de meios prophylaticos para escapar ao mal que insensivelmente vae se propagando por todas as camadas sociaes, havendo verdadeiro predisposição para que se desenvolva facilmente.

A idéa do suicidio não germinará no individuo verdadeiramente são, em que todos os órgãos tendo adquirido uma certa educação para um funcionamento regular, só obedecem a um centro motor que deve ser o cerebro,

Isto tentaremos provar estudando as causas do suicidio, a origem das primeiras tentativas, seu desenvolvimento, sua intensidade emfim.

VI

« A alma humana tem um ponto obscuro que contem os embriões de todos os males interiores. E' essencial limitar esse espaço com idéas claras, moraes e serenas. Si se lhe não põe obstaculo, elle dilata-se e augmenta; a sombra invade a alma, e dentro de nós apparece a noite, a triste noite da demencia. »

E' autor destas palavras, o profundo philosopho e medico Barão de Feuchtersleben; é esse grande observador, quem descobre que ha em nossa alma um ponto obscuro...

Agora dezemos nós: o suicidio provem de um desgosto, e é nesse ponto negro que elle aloja-se, augmenta e acaba invadindo todo o ser. E já que estamos no seculo em que mais se tem estudado a microbiologia não será disparate, afirmarmos que o desgosto é o microbio do suicidio.

O que chamamos desgosto, não é um pequena contrariedade, não é um accidente passageiro, é um começo de perturbação, é o primeiro passo para um estado, que, para ser comprehendido como desejamos, convidamos ao leitor para ver delle uma pallida imagem.

Não ha quem já não tenha observado a agua limpida e tranquillada de um lago, deixando ver na profundidade de alguns metros, objectos que facilmente são reconhecidos. Ah!, porém, ha lama também e para desfazer esta limpidez e tranquillidade, é bastante revolvel-a.

A lama é o desgosto revolvido pelo egoismo; a agua então toldada, não deixando mais ver o fundo, é a terrivel hypocondria que escurece a alma.

Da hypocondria ao suicidio, vae um passo, porque é um mal que traz ao homem o aborrecimento de si mesmo! Como chega um pobre mortal aeste desgraçado estado, é o que nos esforçaremos para conhecer acrescentando algumas palavras do que já ficou dito.

O suicidio, repetimos é uma molestia e é nesse mal-estar quasi geral, que ella medra. A sua victima pode ser um apaixonado sem uma ventura, um commerciante fallido, um viuvo, um pae infeliz, um orphão, um mendigo, mil desgraçados emfim, cada qual mostrando as razões as mais poderosas para deixar de viver, porém, todos soffrendo o mesmo mal, que é um certo desequilibrio organico, consequencia inevitavel dos excessos da dor ou do prazer. Não queremos, digamos antecipadamente, condemnar os suicidas; o que pretendemos provar, porém, é que em vez de serem esses infelizes, pessoas excessivamente virtuosas como querem alguns, corajosas em extremo, como querem outras, são antes extremamente fracos, para não dizermos covardes, porque seria profanar.

Agora é chegada a occasião de ouvirmos as queixas dos que se matam. Consinta pois, o leitor que interroguemos ao apaixonado a quem o desprezo consome.

VII

—Porque queres deixar o mundo tão moço, tão cheio de esperanças, meu caro jovem?

—Porque morro por uns olhos que me não querem ver.—Responde o pobre namorado com verdadeiro entusiasmo de conquistador, que, no auge de sua tristeza ou egoismo pretende oferecer a sua vida em holocausto de seu infeliz amor.

—O padre ovê e diz que elle é uma victima do demonio O poeta o contempla e endiosa a sua paixão. O medico o examina e descobre nelle um desarranjo.

Suicida-se o namorado. E' um heróe, não; é um fraco.

E' preciso notar que a paixão, principalmente a amorosa, uma das mais grosseiras, já é por si só uma fraqueza, mas chovemos sobre a

campa deste desventurado e ouçamos a um seu companheiro.

—Pobre homem, o que tens, que queres habitar antes de tempo o cemiterio?

—Estou deshonorado, os mens semelhantes me cospem, soffro de mais, quero descansar. E' esta a sua resposta.

NOTICIAS

Alfandega

Tonelagem da carga sahida d'alfandega no mez de Fevereiro de 1897, comparada com a de egua mez do anno passado:

MEZES	NUMEROS DE VOLUMES	TONELAGEM	RENDA DE IMPORTAÇÃO
Fevereiro de 1897:	9.812	553	267.002.761
Fevereiro de 1896:	19.319	1.050	164.094.586
Diferença			102.908.175

OBSERVAÇÃO:

No mez de Fevereiro de 1897 houve menor tonelagem menor numero de volumes e maior renda.

No mez de Fevereiro de 1896 houve maior tonelagem, maior numero de volumes, porém, menor renda sendo á menos rs. 102:908\$175.

1.ª Secção da Alfandega do Ceará, em 9 de Março de 1897.

Servindo de chefe

A. Heraclito C. Campello.

Pelo quadro acima verifica-se uma differença, estabelecida a proporção, de rs. 333:870\$000, para menos em 1896!

E viva Garibaldi!!

Para o Estado do Espirito-Santo seguiu o nosso presado confrade Francisco Demétrio Filho, em cujo commercio vai dar expansão á sua actividade, intelligencia e aptidões.

Que encontre a collocação de que é digno.

Bailes Carnavalesco

Fomos penhorados com os convites, das seguintes sociedades:

*Tracema, Companheiros do Silencio, Consti-racões.*

Estas distinctas associações primaram pelo desempenho das festas, que realisaram

Cumpriram a risca as manifestações devidas á "Folia".

Nossos parabens e agradecimentos.

Atacado de beri-beri, seguiu para o Aquiraz o infatigavel phenista Isidoro Gadelha.

Que o diligencioso clima de sua terra natal o restabeleça...

Acha-se em convalescença, em Mondobim, nosso companheiro José Bastos.

Para o Cascavel seguiu o nosso estimavel amigo Antonio Ivo.

Que regresse breve.

Está em vilegiatura forçada, na Serra por motivo de saúde, o intelligente con-socio Antonio Beserra.

Fazemos votos pello seu regresso.

Os Srs. J.O. Vieira & Filhos nos dirigiram uma circular, datada de 1.º de Janeiro p. preterito, em que communicam a organisação de uma sociedade mercantil nesta praça, sob aquella razão, e composta dos Srs. João Octavio Vieira, João Octavio Vieira Filho, e João Lopes de Araujo.

**Circulares commerciaes**

Temos ainda a accuzar :  
De Albano & Irmão, dando poderes aos seus antigos empregados :  
Manoel Rodrigues Santiago, Antero da Costa Theophilo e José Torres de Mello Saboya, para administrarem a casa na ausencia do socio José Albano Filho, que se foi para a Europa.  
De Francisco Freire Napoleão e Virgilio Freire Napoleão, communicando a dissolução da sociedade que gyrava nesta praça sob a razão de Napoleão Irmão & C.<sup>a</sup>.  
De Virgilio Freire Napoleão e Raymundo Freire Napoleão, communicando a fundação de outra sociedade sob a firma de Napoleão & Irmão.

**Club Castro Pinto**

Desta valente associação, da Parahyba do Norte, recebemos um lisongeiro pedido para enviarmos o nosso humilde periodico.  
Com muito prazer...

**Aula de portuguez**

Só no proximo numero poderemos publicar o boletim desta aula.

**Castro Brazil**

Este distincto militar e escriptor publicou no «Mercantil», de Porto Alegre, uma carta, escripta, com muito estylo e sentimento, ao nosso prezado amigo Antonio Ivo.

Sentimos não poder estampal-a, por falta de espaço nesta edição, o que faremos com muito prazer, em nosso proximo numero.

**Nossas aulas**

Eis a matricula em 28 de Fevereiro p. passado :		
Portuguez	52	alumnos
Fancez	20	"
Inglez	12	"
Arithmetica	59	"
Esripturação Mercantil	40	"
	174	

**Eloquente !**

Aos monarchistas, que por espirito perverso escrevem que o Brazil está prestes a uma bancarrota, responde a *Gazeta do Povo* de Campos, apresentando o quadro de quanto toca a cada habitante pagar pela divida de seus paes, ao cambio de 9 :

A França, por causa dos desastres de Seán.	853\$
Portugal	615\$
Inglaterra	500\$
Italia	400\$
Hespanha (de a nova divida)	400\$
Austria	460\$
Brazil, de ois da guerra do Paraguay, e das revoltas de setembro e do Rio Grande do Sul	220\$

Inrespondivel isto.  
Que novo argumento arranjarão agora contra a Republica.

**Mordedura de cobra**

Escreve-nos do Rio Claro o sr. dr. Coriolano D'Utra.

«Peço a v. a fineza de dar publicidade em seu criterioso jornal, do modo por que tenho curado uma centenna de individuos picados por cobras diversas, sem que tenha a lastimar a perda de um só doente.

Pelo alcance commum, *modus faciendi*, e proveito real, é o meu processo superior ao emprego hypodermico do permanganato de potassio, que exige a ascysia da parte a injectar, sterilisação da seringa e a agulha, etc. etc.

O meu processo consiste em administrar ao individuo picado por qualquer que seja a cobra, um caliz de succo de limão azedo com uma pitada de mercurio doce calomelanos) de duas em duas horas e na 3.<sup>a</sup> dose o doente estará completamente ao abrigo de risco de vida.

Esta medicação salva ainda nos casos os mais extremos.

Incontestavelmente a base é o mercurio, sendo o vehiculo um poderoso coadjuvante.

Não ha muitos mezes, tendo erchido de su-

blimado corrosivo o tubo de uma penna de ganso e atado ao pescoço de um cão perdigueiro de fina raça, foi este atacado no campo por consideravel cascadeavel, de cuja lueta veio esta a morrer.

O cão, que foi levado ao campo pelos srs. Joa. Aelmeyster e Pascal Spinelli, negociantes aqui estabelecidos, continuou a caçar alegre, apresentando tumefações nos pontos das incisões, tumefações que desapareceram no fim de seis dias

Pedindo a v. a. publicidade deste communicado, julgo prestar um serviço de geral interesse.

**Emigração do Ceará**

Movimento pelo porto da Fortaleza :

Em 1896	
<i>Para o norte :</i>	
Passageiros de prôa	8902
" " ré	614
	9.516
<i>Para o sul :</i>	
Passageiros de prôa	972
" " ré	770
	1742

Em janeiro e fevereiro de 1897 :

<i>Para o norte :</i>	
Passageiros de prôa	1638
" " ré	116
	1754
<i>Para o sul :</i>	
Passageiros de prôa	208
" " ré	227
	435

**LITTERATURA**

**Felicidade**

Felicidade, o que es tú? Engano providencial que nos alimenta alternativamente do desejo e do desengano.

Amiga cruel, nos foges com a esperanza, apenas os labios sentem o travo do abysmo, que a taça do pesar esconde no fundo.

Quem te encontrou nesta vida, felicidade? O que eras tu, quando eu te via espargindo flores desde o meu obscuro cantinho até aos imaginados horiscentes do meu destino?

O que és tu hoje, phantasma severo, que dobras o teu manto negro sobre a esperanza, que momento antes mandaste luzir no meu despertar de infeliz?

Felicidade, o que serias tu se não és a filha dos homens, morredoura como elles, soberba do teu nome, embaiando, com as mascaras do opulento os pobres que te esperam : cavando, cada vez mais fundo no coração do ambicioso, o vacuo de cobiça ; chegando aos labios do sequioso, que te busca na terra, a esponja acerba do desengano?

Porque te não vejo eu debaixo do docel dos principes da terra? Effloraste os berços de Carlos I e Luiz XVI : porque deixaste borrfar de sangue no cadafalso tuas grinaldas?

Busquei-te no seio da familia laboriosa, que accitou humildemente a condemnção do eterno trabalhar, do suor copioso das fadigas. Não estavas lá. O braço trabalhador enervou-o a fome, no anno da esterilidade, e as criancinhas desse homem, sem cobiça de mais pão que o necessario á sua familia, vagiam penderes do seio arido de sua mãe.

Busquei-te na mediocridade honesta, na alegria da independencia. Era falso esse existir na vida. A mediocridade anciava sahir da sua sphaera ; a ategria da independencia era um sonho de infelizes servos ; a independencia era uma situação mentirosa como o teu nome.

Estarias tu na gloria das batalhas? Se fizeste Cesar, o primeiro de Roma porque o não salvaste do punhal de Bruto?

Na gloria da virtude? e a guilhotina de Mallerbe? Como estremaste os destinos de Seneca e Nero? de Virginia e Agrippina? Quando és tu o gallardão de virtude, a socia fiel do nobre espirito, o premio benemerito do coração immaculado?

Na gloria da sabedoria?

Entraste, por ventura, na alma do philosopho, que tentou levar as multidões ao teu santuario? Orvalhaste-lhe a aridez do espirito abrasado em ancias de achar-te aqui? Deste a Cicero, teu apostolo inspirado, a resignação na morte? Estará o teu busto levantado sobre as ossadas de centenares de homens prodigiosos, poetas que fizeram seculos, honras perpetuas das Nações, pizados pela desgraça, mortos de fome de pão e de ti, que lhes mandaste arrastar a mortalha por toda vida.

Passarás ao menos uma primavera, no coração da virgem que te chama do céu, que te creê filha de Deus, que se acolhe ao teu regaço como asylo inviolavel de innocentes, que te vê na ternura maternal, que te beija nos labios de seus irmãos, que te respeita nas palavras ungidas de um velho, que te abraça soffrega na idolatria de um amante, que aperta ao seio todos os teus dons, cingindo-se ao seio do esposo estremecido.

Não, maldita da esperanza, tu não estás entre nós. Existirias na terra, se entre os homens e Deus não estivesse o infinito.

C. CASTELLO BRANCO.

**Registro de saudades**

I  
«A TOMADA»  
(AO LUIZ APRIGIO)

Era ao declinar do dia.

A commissura visual do horisonte, em que parece unir-se o céu á terra, como uma infinita redoma de porcelana diaphanamente azul, envolvia-se n'um véu de melançolia. O poente não ruborisára-se n'aquella tarde. Dir-se-ia a natureza um *boudoir* de viuva. Um manto cinereo começava a cobrir de crepe o vasto templo do espaço para toda a natureza ouvir, genuflexa, as badaladas d'Ave Maria.

Na camara azul de minhas reminiscencias, vejo sempre o quadro de que me occupo.

A paisagem offerece a desconhecida perspectiva de uma longiqua paragem que nos falla ao coração, vaga e mysteriosa, na tela grosseira de certas oleographias.

Temos em frente um campo vasto, gramado de uma verdura cantante pela suavidade. Um fio d'agua corre, caracolando, até a represa produzida por um paredão de cantaria, negro, fundo e musgoso. Finge um lago aquella agua estagnada, que faz apenas um ligeiro sangradouro, pelas frestas limosas da porta-d'agua.

O vento brando, que erica a folhagem, levanta á tona d'agua um friso leve, successivo, que vai morrer longe, como a vibração animal de um calefrio.

Ao fundo as pinceladas verde-escuro de uma mata. Em opposição, ergue-se uma pedreira gigantesca, ingreme, accidentada de arestas escarpadas, como um esputo ardente das estranhas da terra, ha seculos frio e fossilizado.

A estrada que nos conduz é alva, e emmoldurada de alecrim agreste.

Eramos trez.

O vento, como o halito de um thuribulo, espalhava o cheiro das flores campezinhas.

Lembro-me bem... descorriamos, incuidosos e avidos da lympha misteriosa, que cobicamos ao sol a pino da mocidade! Illusões... planos do conquista nos arraies do futuro... caravanas de sonhos pelos areiaes dos desvaneios... tudo architavamos à sombra de uma ingazeira em flôr, que ao ciciar do vento, sentia a cada instante fugir-lhe a grinalda branca e odorante: enquanto o fiod'agua, timidamente rumoroso, levava uma a uma as flores que se deslibravão.

RODRIGUES DE CARVALHO.

## Noiva ideal

AO FUSA DE PONTES

I

A minha noiva no Oceano habita,  
Mora no pego azul dos vastos mares...  
Orna-lhe o manto, a pallidez bem dita  
De uma cinta de conchas estrellares.

Do crepusculo na tunica divina,  
Eu vejo-a sempre, quando a noite desce,  
Sonhando as vezes, perto de um'ondina,  
Envolta, ás vezes, n'um luar de prece.

Seguem meus olhos essa moça ignota,  
Essa visão serenamente doce;  
E o coração transforma-se em gaivota,  
Si, por brinquedo, em vaga—ella mudou-se.

Doudo me chamam... dizem: pela praia,  
Vagueia o louco n'um dilirio insano;  
Emtanto, o seu vestido de cambraia,  
A minha noiva tece no oceano...

II

Tingio-se o mar, um dia, de vermelho...  
—Elle padece— todos murmuravam;  
E as camponesas, tristes, de joelho,  
O firmamento, mudo interrogavam.

Raiava o dia de branco e aljofarado,  
Como quem desce de longiquas plagas:  
Príncipe loiro, loiro e delicado,  
Vinha beijar a tunica das vagas

Do largo céu no descampado immenso,  
Morria a estrella d'Alva immaculada:  
Pingo de leite, tremulo, suspenso  
Das pomas ideiaes de alguma fada.

E uma moça me apontando o vasto,  
O vasto abysmo cerulo a enorar:  
«Senhora», — me disse n'um queixume casto,—  
Alguem ferio o coração do mar?

Ingenua e branca, a virgem não sabia  
Que a minha noiva enternecida e langue,  
Pallida chorava, e que seu pranto ia  
Mudando o abysmo n'um luar de sangue.

E quando revelei-lhe o meu segredo,  
Terna litou-me compassiva e mansa...  
Depois, fugindo como quem tem medo,  
Ella teve um sortiso de creança.

«Como chamai-vos?» — «Perguntai á esphera»  
«E a vossa noiva...?» — «Para que saberdes?»  
E' uma pequenina primavera,  
De olhos azues e de cabellos verdes!

Rio-se de novo a composesa. Emtanto,  
Eu via, sempre n'um delirio insano,  
Que a minha noiva desfazendo o pranto,  
Tecia o seu vestido no oceano!

Novembro, 1896.

H. CASTRICIANO.

## Livros e jornaes

Conselhos ao povo—A variola, pelo Dr. José Lino:

Fomos mimoseados com um exemplar deste precioso trabalho.

O Dr. José Lino ainda uma vez pôz em evidencia os seus invejaveis dons, como homem de letras e do sciencia.

*Quarto relatório do Instituto Beneficente do Maranhão:*

Recebemos e archivamos.  
Agradecidos.

*Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial e litterario do Estado do Ceará—por João Camara—1897.*

O proprietario deste almanach, o laborioso e incansavel Sr. João Camara, nos obsequiou com um exemplar desse utilissimo receptaculo de informações.

Nota-se grande adiantamento no conjuncto da materia, comparando-se esta edição com as passadas; mas é para lastimar que o trabalho material seja tão grosseiro ainda. O Almanach do Ceará, seguindo a orientação tomada, sob a criteriosa direcção do Sr. João Camara, é um livrinho que se imporá, maximé aos cearenses.

Resta apenas, que o seu operoso proprietario mude aquelle detestavel papel: dê uma impressão menos empastelada, faça um volume, em fim, com feição menos burgueza.

Agradecidos pela offerta.

*O Reporter*—Acaba de apparecer nesta cidade este novo orgão de publicidade, sob a direcção de Arthur Theophilo e José Carvalho

Traz como programma combater a norma da imprensa local, que, effectivamente, n'uma campanha de apodos de politica aldeia, muito depõe das letras cearenses.

Arthur Theophilo, principal redactor, é um espirito talhado para as lides litterarias, o que, entretanto, devido ás circumstancias do meio, não é garantia segura para cumprimento do programma d'*O Reporter*.

A nova tolha, que publica-se duas vezes por semana, tem feição synpathica de jornal moderno; traz variedade de noticias; mas a julgar pelos numeros publicados, não deu prova ainda de combatente destimido, que tem por bandeira a causa publica. Ao contrario, parece começar a trahir o seu programma, publicando «satyricos» versiculos de encomenda, contra pessoas desaffeiçoadas ao governo.

Não é assim que se regenera e dá se exemplo de imprensa imparcial e defensora dos interesses publicos.

*O Reporter* até agora é anodino de mais.

Entretanto, fazemos votos pela sua prosperidade.

### Boletim da aula de inglez em Fevereiro proximo passado

	Gráo de sabbatina	Comparecimento Todo mez
J. Quirino	9	"
Prisco Cruz	8	"
José Jorge Vieira	7 1/2	"
Carlos Ed. T. Camara	7	"
Octavio Bezerra	4	"

Deixão de ser mencionados os alumnos que não compareceram á sabbatina.

Ceará, 10 de Março de 1897.

O lente JOSÉ ORIANO MENESCAL JUNIOR.

### AULA DE FRANCEZ

SABBATINA DE 6 DE MARÇO DE 1897

	Gráo de sabbatina
José Jorge Vieira	6
José Firmiano	7
Leoncio Cals de Oliveira	3
José Quirino Filho	7
Leovegildo Penagé	6
José Monteiro Maia	6
Hermino Carvalho	5
Tasso Napoleão	7
Joaquim de Oliveira Bivar	6
Manoel Soares Bezerra	7
Francisco Salles Araújo	7
Henrique Vieira	7
Tiburcio Lopes da Silva	5

Não compareceram a sabbatina:

Prisco Cruz, Antonio Bezerra, Henrique Firmeza, João Baptista Cordeiro de Mello, Antonio Aguiar Filho, Joaquim Barbosa Oliveira Primo, Octavio Bezerra.

O lente, José de Barcellos.

### Boletim da aula de escripturação mercantil da "Phenix Caixeiral", referente ao mez de Fevereiro proximo passado.

n. da matrícula	ALUMNOS	Faltas no mez	Gráo da sabbatina	observações
<b>1.ª classe (adiantados)</b>				
1	José Firmiano	—	10	
2	Arthur P. de Lima	—	6	
3	Hermenegildo B. Firmeza	—	6	
4	Prisco Cruz	—	10	
5	Leovegildo Pinagé	—	5	
6	José Quirino da Silva	—	6	
7	Francisco Pires de Hollanda	—	5	
<b>2.ª classe (atrazados)</b>				
8	José Monteiro Maia	—	8	
9	Gustavo Teixeira de Lyra	2	5	
10	Francisco Esteves	—	8	
11	Manoel Soares Bezerra	—	41/2	
12	Hermino de Carvalho	—	31/2	
13	Leoncio Cals de Oliveira	2	6	
14	Juliano de A. Leite	—	4	
15	Cypriano Gurgel	—	8	
16	João Tiburcio Pamplona	4	4	
17	Vicente de P. Camapum	—	8	
18	Antonio Capibaribe	—	10	
19	Antonio Aguiar Filho	—	10	
20	Miguel Lucena	1	4	
21	Cezar A. da Silva	—	10	
22	Philemon Lyra	—	5	

### Faltaram á sabbatina:

23	José Antonio Teixeira Junior	2	—	Licenciado
24	Luiz Abdon	5	—	
25	José Victor F. Nobre	6	—	Licenciado
26	Pery Cruz	2	—	
27	Francisco Fernandes	6	—	
28	Accendino Augusto Leite	4	—	
29	João de Oliveira Braga	—	—	
30	Francisco Demetrio	—	—	Licenciado
31	Pedro de Souza Pinto	1	—	
32	Euclides Eloy de Hollanda	1	—	
33	Alfredo B de Carvalho	3	—	
34	João Januario	—	—	
35	Tasso Napoleão	6	—	
36	Joaquim Linhares	5	—	

O gráo 10 corresponde a «optimo».

Os alumnos da 2.ª classe que obtiverem este gráo, passarão immediatamente para a 1.ª classe.

Os da 1.ª classe que obtiverem menos de 4 serão rebaixados para a 2.ª classe.

Salões da «Phenix Caixeiral», na Fortaleza, 6 de Março de 1897.

O lente, J. RODRIGUES DE CARVALHO.

### Boletim de mez de Fevereiro

#### AULA DE ARITHMETICA

	Comportamento	Dias de comparecimento	Gráo de aproveitamento
<b>1.ª classe</b>			
José Firmiano	Bom	9	9 1/10
Vicente de P. Camapum	"	11	8 5/10
José Dias de Carvalho	"	11	8
Hermino de Carvalho	"	11	6 8/10
Leogildo Pinagé	"	4	6 6/10
João de Oliveira Braga	"	11	6
Cypriano Gurgel	"	9	6
Joaquim de Oliveira Bivar	"	10	2 5/10
Gustavo Lyra	"	6	2 2/10
Francisco Esteves	"	11	2 2/10
Milho Cruz	"	11	9 9/10
<b>2.ª classe</b>			
Tasso Napoleão	"	7	7 5/10
Thomaz Alves Bezerra	"	10	6
Raymundo José Rabello	"	10	4
Euclides Eloy de Hollanda	"	10	4
Cordolino Barboza de Cordeiro	"	8	4
Francisco H. do Nascimento	"	11	2 5/10
Alvaro Moreira Pequeno	"	11	2 5/10
Ruffno Pontes Franco	"	10	2 5/10
João Gonçalves de Oliveira	"	9	2 5/10
José Bezerra Sobrinho	"	8	2 2/10
Francisco Virginio Moraes	"	8	2 5/10
José Virginio de Moraes	"	8	2 5/10
George M. Pequeno	"	10	2
Vicente Alves Bezerra	"	7	2

Nesta relação não estão contemplados os alumnos, que embora tenham comparecido pontualmente, não tomaram parte na sabbatina mensal, nem que se recapitulou toda materia estudada durante o mez.

O professor, P. FABRICO.

TYP. STUDART—Rua Formosa, n.º 46.